

# A MANUTENÇÃO DA ANCESTRALIDADE AFRICANA E DA CULTURA Matriarcal NA FICÇÃO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THE MAINTENANCE OF AFRICAN ANCESTRALITY AND THE MATRIARCHAL CULTURE IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S FICTION

## RESUMO

O presente trabalho tem como enfoque a construção literária de Conceição Evaristo pelo olhar da cultura matriarcal das comunidades afrocentradas, a partir da análise de contos da obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2017). Para tanto, almeja-se refletir sobre a importância do papel das mulheres e a relação com a oralidade, que avultam nos contos de tradição ancestral afrocêntrica. Na análise, as bases epistemológicas contam com teóricos como Stuart Hall (2003), Paul Zumthor (1993), Lélia González (2020), Cheikh Anta Diop (1974), dentre outros pesquisadores da temática afro-brasileira e culturalista. Os procedimentos metodológicos acionados consistem em análises qualitativas das narrativas da coletânea *Histórias de Leves enganos e parecenças*, com vias a identificar traços que assinalam a manutenção da matrilinearidade na ficção de Evaristo. Aqui, constrói-se a hipótese de que a discussão sobre a temática fomenta o combate ao racismo, ao mesmo tempo que amplia a visibilidade e a promoção da igualdade de gênero e cultural. Nesse contexto, as contribuições da pesquisa apontam para o aspecto positivo de (re)construção e fortalecimento da cultura afro-feminina, no que concerne à diversidade, seja do ponto de vista estético-literário ou cultural e social.

**Palavras-chave:** Oralidade. Matrilinearidade. Literatura afro-brasileira. Conceição Evaristo

## ABSTRACT

The present work focuses on the literary construction of Conceição Evaristo through the perspective of the matriarchal culture of the Afrocentric communities, based on the analysis of short stories from the book *Histórias de leve enganos e parecenças* (2017). To this end, we aim to reflect on the importance of the role of women and the relationship with orality, which stand out in the tales of Afro-centric ancestral tradition. In the analysis, the epistemological bases count on theorists such as Stuart Hall (2003), Paul Zumthor (1993), Lélia González (2020), Cheikh Anta Diop (1974), among other researchers of the Afro-Brazilian and culturalist theme. The methodological procedure consists of qualitative analyses of the narratives of the collection *Histórias de Leves Enganos e parecenças*, with ways to identify traits that mark the maintenance of matrilinearity in the fiction of Evaristo. Here, we build the hypothesis that the

---

**Juliana Franco Alves-Garbim**

Doutora em Letras – Literatura e vida social – UNESP/Assis. Pós-Doutoranda em Letras - Universidade Federal do Tocantins – UFT. E-mail: jufranco\_a@yahoo.com.br

discussion on the theme promotes the fight against racism, at the same time increasing the visibility and promotion of gender and cultural equality. In this context, the contributions of the research point to the positive aspect of (re)construction and strengthening of the Afro-feminine culture regarding diversity, whether from the aesthetic-literary or cultural and social point of view.

**Keywords:** Orality. Matrilineality. Afro-Brazilian Literature. Conceição Evaristo

## Introdução

A obra *Histórias de leves enganos e parecenças*, de Conceição Evaristo, a mais recente obra publicada por Evaristo, em 2017, em parceria com a Malê Editora, traz, em seu bojo, uma temática recorrente nas manifestações orais procedentes de memórias afrodescendentes: o arquétipo da figura feminina ancestral. Sob o signo da literatura negra e de gênero, a essência da cultura afroancestre é revelada na ficção de Evaristo, pela perspectiva da matrilinearidade. Do mesmo modo, outras literaturas são capitulares quanto à escolha do mesmo escopo temático, tais como nos contos narrados, por exemplo, por Mãe Beata de Yemonjá (2004), em coletâneas de textos orais, como “Histórias que a minha avó contava”.

Como eixo metodológico, aborda-se o ponto de vista por meio de uma análise qualitativa, seguindo a perspectiva epistemológica que lança o olhar para as minorias sociais, culturais e identitárias. Nesse viés, temas como o papel da mulher negra na sociedade e na literatura brasileira são caros para teóricos como Eliza Larkin Nascimento (2008) e Lélia Gonzalez (2020). Ademais, questões como a herança matrilinear e a oralidade são algumas pontas do novelo que se tenta encontrar. Assim, a episteme de Cheikh Anta Diop (1974) se faz basilar e corrobora a defesa da cultura do matriarcado africano para os negros em diáspora. No âmbito dos estudos das poéticas orais, a base teórica fica a cargo de Paul Zumthor (1993) e Luís da Câmara Cascudo (1984). Para além de críticos desse gabarito, novos pesquisadores, como Silvio Ruiz Paradiso (2015) e Amanda Crispim Ferreira (2013), somam suas vozes, de modo a engrossar o coro epistemológico sobre a literatura afro-feminina.

Dos treze contos que compõem o livro de Conceição, vale destacar que em duas histórias o destaque feminino cede temporariamente o seu lugar. Em “Grotta funda” e “Os pés do dançarino”, o protagonismo das personagens se constrói na perspectiva masculina. No restante, é nítida a presença do arquétipo maternal, seja por meio da proeminência da narradora ou de personagens como a filha, a mãe ou avó de algum personagem. Fora isso, elementos como a memória e a oralidade, outros signos relevantes para a cultura afro-brasileira, marcam presença em *Histórias de leves enganos e parecenças*. Tais símbolos justificam a pesquisa que visa identificar as heranças culturais e sociais mantidas pela cultura afro-feminina na literatura contemporânea.

Nesse viés, a história escolhida para análise intitulada “Fios de Ouro” desvela a poética negra e de gênero, bem como esse universo mnemônico e oral, temas caros para a cultura afro-brasileira. Além de indicar as reminiscências da cultura ancestral, desvela aspectos importantes da organização social afrodiáspórica, tais como a matrilinearidade, conceito decorrente da noção de matriarcado e ancestralidade dos povos africanos. Com isso, Evaristo ratifica a proeminência da oralidade e da contação de histórias para a comunidade negra.

Características da cultura banto que aportou na Bahia e em Minas Gerais durante o processo escravagista, tais temáticas são pilares dos contos escritos por Evaristo, somadas a algumas pitadas de um realismo fantástico reconhecidos, inclusive, pela crítica. A perspectiva da força feminina e da estética animista está, inclusive, amparada pelos comentários peritextuais no entorno do livro. Em nota divulgada na contracapa, a professora Dra. Assunção de Maria Souza e Silva, corrobora o apego à estética de gênero e animista no trabalho ficcional de Evaristo:

Nessa comunhão de vozes-mulheres que percorrem a obra de Conceição, numa dimensão que agora tende para o ‘realismo animista’, as figuras femininas dão o tom da feitura do universo criado. Elas estão despertas e, ao contarem suas histórias de leves enganos, fazem ressoar parencas. Nesse ato que não há espaço para o emudecimento, contrapondo-se à violência de todos os modos, multiplicam forças e revigoram a existência na tessitura da solidariedade e da resistência (SILVA apud EVARISTO, 2017, contracapa).

Ora, se do início ao fim, a ótica de gênero se destaca no discurso de Evaristo, cabe ao leitor notar que, embora as histórias envolvam, indubitavelmente, todas as figuras da família numa representação do poder institucional, a tônica recai fortemente sobre a função das mulheres na conformação familiar. Mães, avós, bisavós, tias, vizinhas, amas de leite, Oxum, Nossas Senhoras, são sinônimos empregados pela escritora para representar a mulher. A autora fala no, do e para o feminino. Essa matrifocalidade, ou antes, o foco narrativo, oriundo do olhar de uma escritora negra, robustece a personificação das vozes-mulheres (título do poema escrito por Evaristo) que sustentam sua constituição identitária.

Decorre então, dessa cultura matrilinear, o destaque da mulher nas comunidades orais afro-brasileiras. Antropólogos e etnólogos que se debruçaram a estudar essa constituição cultural, como o senegalês Cheikh Anta Diop (1974), preconizam que o sistema matriarcal, em séculos muito distantes do nosso, constituiu-se como a base da organização social de alguns países africanos, especialmente o Egito e toda a África negra, embora não tenha resistido ao domínio brutalizado e armamentista dos brancos europeus.

A contrapelo da visão patriarcal difundida pela Europa, Diop (1974) sustenta a tese de que o matriarcado é uma das mais antigas formas de organização social e

constituiu-se, originalmente, em solo africano, sobretudo no Egito antigo, de modo que, “[...] dominou e se espalhou pelo mar Egeu Mediterrâneo graças à colonização Egípcio-Fenícia de populações, às vezes até mesmo populações brancas [...]” (DIOP, 1974, p. 293). Apesar de ser instituído nas comunidades agrárias africanas, o matriarcado, enquanto linhagem, não resistiu à imposição do patriarcado europeu do Norte da Europa, sendo rejeitado “[...] assim que pôde como noções estranhas às suas próprias concepções culturais. [...] o imperialismo cultural Egípcio-Fenício dificilmente sobreviveu ao imperialismo econômico” (DIOP, 1974, p. 293).

Pioneiro na defesa do sistema matriarcal como visão de mundo, Cheikh Anta Diop postula que a origem do matriarcado está associada à agricultura, uma vez que as práticas agrícolas eram desenvolvidas pelas mulheres que ficavam em casa, enquanto os homens se dedicavam às atividades mais perigosas como a caça e a guerra. Na acepção de Diop, a lógica do matriarcado se cumpre pois:

[...] A mulher é a dona [mistress] da casa no sentido econômico da palavra. Ela está no comando de todos os alimentos, que ninguém, nem mesmo o marido, pode tocar sem o seu consentimento. Frequentemente um marido, ao alcance da comida preparada por sua própria esposa, não ousa tocá-la sem a sua autorização. É degradante para um homem entrar em uma cozinha na África Preta (DIOP, 1974, p. 298).

Nessa senda, para antropólogos e historiadores do mundo antigo africano, os povos ancestrais, considerados por muitos como primitivos, organizavam-se em torno do sistema agrônômico e matrilinear. Apesar disso, o método de colonização europeu, em uma relação de poder marcada pela disputa de forças e hierarquia do caucasiano sobre o negro, impôs à revelia dos povos dominados africanos, as práticas do patriarcado europeu.

Seguindo a linha de pensamento que defende o protagonismo feminino em face da economia, da cultura e da sociedade, condensada na matrilinearidade das sociedades tradicionais, a antropóloga brasileira Elisa Larkin Nascimento, corrobora a noção defendida por Diop quando afirma:

[...] nas civilizações meridionais, agrárias, a mulher desempenhava função central. Ela representava, socialmente, o valor máximo da vida e da produção agrícola: a estabilidade. Suas atividades no cultivo garantiam o sustento da coletividade, enquanto os homens desempenhavam funções arriscadas, incertas ou até economicamente prejudiciais à comunidade, como a caça, a pesca e a guerra. O papel da mulher no desenvolvimento da técnica agrícola constitui o tema de muitos mitos e lendas. Ísis, irmã de Osíris, foi a primeira deusa da mitologia egípcia e trouxe à humanidade o conhecimento da agricultura (NASCIMENTO, 2008, p. 75).

Constituindo-se então como um sistema organizado, o modelo matrilinear destaca as potencialidades femininas sem repressões de gênero, e estimula, além de sua contribuição produtiva, o desenvolvimento das mulheres enquanto seres humanos. É válido pontuar que tal sistema não estimula um domínio do gênero feminino, como ocorre em algumas organizações patriarcais, mas configura uma divisão igualitária de “[...] responsabilidades e privilégios, inclusive do poder. Por este ser partilhado entre mulher e homem, um equilíbrio estável era assegurado nos negócios do Estado” (NASCIMENTO, 2008, p. 76).

Ora, se nas sociedades africanas pré-coloniais o sistema de organização social se pautava sob o olhar maternal das mulheres, embora o homem exercesse seu poder sob outras maneiras, como a caça, por exemplo, é de se considerar a história da constituição das famílias negras no Brasil escravocrata, como uma das razões pelas quais o matriarcado resiste ainda nos dias de hoje junto às comunidades afro-brasileiras. Além de questões econômicas, sociais e raciais, a cultura brasileira ainda abriga resquícios desse matriarcado pré-diaspórico e colonialista, sobretudo quando projeta o olhar para as muitas mães das periferias, carentes do apoio paterno, haja vista que muitas vezes sofrem com o abandono do parceiro, pressionado pelas responsabilidades familiares.

Historicamente, o sistema escravagista no Brasil cometeu inúmeras violências contra a população negra, dentre elas, projetou a configuração dos lares negros de maneira forçosa, separando o pai (escravo) das mães e filhos também escravizados, obrigando as mulheres a serem as chefes da família negra escravizada. Tamanha brutalidade fazia com que o homem negro não convivesse com sua mulher e filhos. A família era separada intencionalmente pelos senhores de Engenho, pois, ao homem negro era delegado o trabalho bruto e braçal do campo e à mulher negra e suas crianças, muitas vezes, restavam os serviços domésticos e sexuais da Casa-Grande, como lembra Gilberto Freyre em *Casa-Grande e Senzala* (2003).

Nessa perspectiva sobre a constituição repartida da família negra, os estudiosos Arnaldo de Santana e Michel Perreault (2014) explicam:

Quanto aos escravos, o instituto familiar não se apresentava de igual forma. Inicialmente, escravos não eram sujeitos de direitos, sendo vistos como dominados sem autonomia alguma de peticionar ou requerer algo frente ao seu dono de engenho. Eram trazidos das colônias africanas, que foram colonizadas pelos europeus (portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses e franceses), e eram vendidos, traficados como objetos daqueles colonizadores, muitas vezes com participação ativa de africanos já donos de escravos. Perderam a liberdade de associação, liberdade de crença religiosa, liberdade de execução costumeira, enfim, toda e qualquer liberdade previamente regulada ao social e ao sujeito de direitos quais possuíam enquanto viviam em sua própria terra, antes da escravização. Valendo ressaltar que estes não eram vistos como sujeitos de direitos, mas sim objetos. Já nos engenhos,

escravos não constituíam família, não exerciam poder, realizavam jornadas diárias de trabalho com mais de 18 horas por dia, às vezes, e viviam em condições subumanas nas senzalas. As senzalas eram as casas destinadas aos escravos para que estes pudessem ‘descansar’ embora sem o estabelecimento de nenhum tipo de luxo ou aconchego e, para impedir que qualquer escravo fugisse do seu dono, eram trancafiados nesses locais. O poderio épico era exercido essencialmente pelo homem e as relações estabeleciam uma inferiorização entre mulheres e crianças ao poder exercido pelo homem. Nas comunidades escravizadas, buscava-se a separação destes, os escravos, que se impunham em diferentes parâmetros do instituto e compunham o quotidiano das famílias brancas nos engenhos. Enquanto os homens e crianças (somente do sexo masculino) eram direcionados à lavoura, pecuária e outros serviços que exigiam uma maior virilidade corpórea, as mulheres eram direcionadas às residências, cuidando dos afazeres domésticos e participando efetivamente da rotina estabelecida entre as famílias brancas (SANTANA; PERREAULT, 2014, p. 5).

Embora nossos olhos recaiam aqui sobre a importância da cultura matrilinear, há que se pontuar ainda outro aspecto importante para a manutenção da cultura matrilinear desenhada na história de Halima: o poder da voz, outro elemento basilar para as sociedades tradicionais. A oralidade, recurso empregado nas narrativas de Conceição Evaristo, também é sustentáculo da tradição afro-diaspórica que se instalou no Brasil com o tráfico de pessoas negras durante a colonização portuguesa.

Na medida em que a tradição e a cultura são conduzidas pelo ato de contar histórias, Evaristo recupera o fio da memória coletiva de seus antepassados, provoca a interlocução entre testemunhos da história e das civilizações negra, especialmente representadas pelas personagens femininas. Por intermédio do trabalho mnemônico e do auxílio da voz é que a visão matrilinear ganha corpo no discurso literário da autora, ao passo que ressignifica e atualiza a história e a mitologia negra.

A abordagem crítica culturalista que defende a primazia das manifestações da voz na construção literária, como sendo o carro-chefe das produções de escritoras negras, destaca a função social que a oralidade propaga com a difusão da cultura afro-brasileira. Sobre isso, sublinha o medievalista Paul Zumthor (1993, p. 139):

A voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver. Paradoxo: graças ao vagar de seus intérpretes – no espaço, no tempo, na consciência de si –, a voz poética está presente em toda a parte, conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura. [...] Por isso, os modos de difusão oral conservarão um status privilegiado, para além das grandes rupturas dos séculos XVI e XVII. A voz poética é ao mesmo tempo, profecia e memória.

Em termos dinâmicos, a tradição oral é fruto de um processo coletivo, ancestral e remonta a tempos imemoriais da história humana. Dessa forma, associada a temas e mecanismos discursivos como a memória, a ancestralidade e a cultura do matriarcado, a narrativa afro-brasileira conjuga tradição e história, espaços, tempos e mitos, passado e presente pela via das poéticas orais, fenômeno muito comum em narrativas de escritoras que representam o coletivo e a cultura do povo negro no Brasil.

## O reflexo do matriarcado na narrativa “Fios de Ouro”

Uma vez definidos alguns conceitos introdutórios acerca do matriarcado e da oralidade, passemos agora para uma análise da criação ficcional de Conceição Evaristo. Para ilustrar essa perspectiva, o conto escolhido para interpretação, intitulado “Fios de Ouro” (EVARISTO, 2017, p. 49-51) evidencia ao leitor a visão matrilinear como herança na organização das comunidades tradicionais afro-brasileiras. A narrativa em destaque pode ser lida na íntegra em *Histórias de leves enganos e parecenças*. Abaixo, encontra-se um trecho do conto que enfatiza a contribuição do matriarcado para a construção identitária do povo negro no Brasil:

Fios de ouro

Quando Halima, a suave, desembarcou nas águas marítimas brasileiras, em 1852, a idade dela era de 12 anos. Da aldeia dela parece que só Halima sobreviveu em um tempo de viagem que durou quase dois meses. *Das lembranças da travessia, Halima conseguia falar pouco. Séculos depois, pedaços de relatos viriam compor uma memória esgarçada, que seus descendentes recontam como histórias de família.* E eu que chamo Halima, trago em meu nome, a lembrança daquela linhagem familiar materna, foi a mãe de minha tataravó. Assim, *reconto* a história de Halima:

Halima em solo africano, lugar impreciso por falta de informações históricas, portanto, vazios de nossa história e nossa memória, pertencia um clã, em que um dos signos da beleza de um corpo era o cabelo. *A arte de tecer cabelos era exercida por mulheres mais velhas que imprimiam aos penteados as regras sociais do grupo. Na urdidura dos fios, no cruzamento ou distanciamento de uma trança com a outra, o indício do lugar social da pessoa, e no caso das mulheres, a indicação se ela era casada, viúva, se tinha filhos...* Estilos diferentes estavam reservados às mulheres mais velhas, às jovens e às meninas na puberdade. Foi com a sua vasta cabeleira enfeitada por pequenas conchinhas, indicativa de sua condição púbere, que Halima foi embarcada em um negreiro rumo ao Brasil. Ao ser desembarcada, apesar de sua magreza foi logo posta à venda, mas, antes, sua cabeça foi raspada, indicando a sua nova condição: a de peça para ser vendida no comércio da escravidão. Assim a vida seguiu. Halima escravizada em trabalhos

de plantio e de colheita. Escravizada como brinquedo das crianças da casa-grande, como corpo para o trabalho, para o prazer e para a reprodução de novos corpos escravos. [...] Halima sempre tendo o cabelo cortado, a mando dos que se faziam donos dela [...] Mas, anos depois, a casa-grande deixou de se importar com Halima. [...] E foi nesse momento que tudo se deu. Um dia Halima acordou e viu seus cabelos surgirem imensos, tão imensos que ela pisava sobre eles. [...] Os fios começaram a tomar um brilho de ouro. [...] Havia um segredo que só Halima sabia. Seus cabelos não pareciam ser de ouro, eram de ouro. [...] De tempos em tempos, uma pessoa do clã Halima nascia com cabelos de ouro, que só apareciam depois de longo tempo de maturação da pessoa, quando o tempo começasse a lhe oferecer a dádiva do sábio envelhecimento. [...] Aos poucos, para não despertar a maldade e a cobiça, depois de comprar a sua própria liberdade, Halima, a suave, foi comprando a carta de alforria de mulheres, de homens e de crianças [...]. E eu, Halima, herdeira dela, em um tempo bastante distante, já sinto a profecia, segundo as outras mais velhas, cantada em meu nascimento se realizando. Desde ontem, meus cabelos que já estavam totalmente brancos, [...] bem ali, no alto da moleira, onde se localiza o sopro da vida, um chumaço de fios áureos desponta no alto da minha cabeça (EVARISTO, 2017, p. 49-51, grifos meus).

A história de Halima, em “Fios de Ouro”, organizada sob uma ótica do feminino, lança luz sobre a proeminência da cultura matrilinear na ficção de Evaristo, como expõe no trecho: “a lembrança daquela linhagem familiar materna, foi a mãe de minha tataravó” (EVARISTO, 2017, p. 49). A narradora chama a atenção para as múltiplas possibilidades da tradição negra, mas oferece ambiência para que temas como a estética, a vaidade, a hereditariedade e o poder das mulheres negras ganhem contornos mitológicos, como indica a passagem “A arte de tecer cabelos era exercida por mulheres mais velhas que imprimiam aos penteados as regras sociais do grupo.” (EVARISTO, 2017, p. 49). Não obstante, entende-se que é por meio da contação de histórias e da preservação da memória que novas gerações conhecem o passado histórico e recebem a chance de reconstruir a identidade negra, ao beberem na fonte da tradição afro-ancestre.

A narrativa explora tópicos caros ao processo de reconstrução identitária do negro no Brasil, na medida em que revive temas como a história da escravidão, a memória, a oralidade, a ancestralidade e a sacralidade dos africanos sequestrados de sua terra de origem, como ilustra o excerto: “Séculos depois, pedaços de relatos viriam compor uma memória esgarçada, que seus descendentes recontam como histórias de família” (EVARISTO, 2017, p. 49), além do tema foco dessa pesquisa, a matrilinearidade. Mais do que trabalhar aspectos da mitologia, da genealogia e da hereditariedade, “Fios de ouro” reconstrói a permanência da cultura negra no seio da sociedade contemporânea.



Nesse âmbito, ao escrever uma história que aborda a perpetuação de uma linhagem de mulheres negras brindadas com o nascimento de cabelos dourados na maturidade, Evaristo repovoa o imaginário do leitor com elementos de uma literatura que o leva às paragens do ambiente maravilhoso, como se nota no trecho: “Um dia Halima acordou e viu seus cabelos surgirem imensos, tão imensos que ela pisava sobre eles. [...] Os fios começaram a tomar um brilho de ouro” (EVARISTO, 2017, p. 51). A técnica ficcional se assemelha à empregada nos contos de fadas europeus.

O tom fantástico, milagroso ou mitológico, empregado no discurso, fica a cargo dos magníficos “fios de ouro” que despontam nos cabelos de Halima, ou antes, das várias Halimas pertencentes ao clã da narradora. Tal característica desafia o real empírico. Sobre o texto voltado à estética animista, como citado na introdução, Sílvia Ruiz Paradiso (2015), pesquisador das Literaturas africanas explica que essa estética é vinculada à proposta da literatura pós-colonial africana, pois visa explicar aspectos da cultura negra pela religiosidade ou mitologia. Segundo Paradiso, embora tal abordagem esteja vinculada às crenças populares, entendê-las como *religio* ou *mirabilia* é opção da visão do leitor, conforme suas experiências, entretanto, mesmo não conhecendo a cosmogonia e valores negros, deveriam enxergá-las e entendê-las dentro de um valor local (*locus* da enunciação) (PARADISO, 2015, p. 271-272).

A representação do tempo passado e da herança feminina intergeracional dos cabelos de ouro comprova o apego à ancestralidade em trechos como “E eu, Halima, herdeira dela, em um tempo bastante distante, já sinto a profecia, segundo as outras mais velhas, cantada em meu nascimento se realizando” (EVARISTO, 2017, p. 50), típico de culturas da África negra. A valorização dos antepassados da personagem, desperta ou perpetua no imaginário coletivo os valores negros. Ao mesmo tempo, o aspecto mitológico atribuído ao chumaço de fios de ouro nascidos na cabeça das muitas Halimas ancestrais, preconizam a aura da sacralidade da personagem, ou antes, de descender de um clã de pessoas raras.

Esse repositório poético-literário, representado pelas mãos de uma mulher a contar histórias de velhas mães negras, corrobora o ponto de vista defendido por González (2020) sobre o papel feminino para algumas organizações sociais afrocentradas. Para a escritora de “Por um feminismo afro-latino-americano”, em alguns reinos e impérios da África, as mulheres simbolizavam ícones máximos do grupo, tais como rainhas e princesas e, portanto, eram tratadas com as devidas vênias ofertadas aos representantes da realeza:

A valorização da mulher pelas diferentes culturas negro-africanas sempre se deu a partir da função materna. É por aí que a gente pode entender, por exemplo, a importância que as ‘mães’ e “tias” iriam ter não só na formação e desenvolvimento das religiões afro-brasileiras (candomblé, tambor de mina, umbanda etc.) como também em outros setores da cultura negra no Brasil (GONZALEZ, 2020, p. 183).

É válido destacar que a possibilidade de descolamento do olhar discursivo sacralizado, constituinte dos países da América colonizada, a partir de uma perspectiva não patriarcal, implica uma visão anticolonialista do sujeito afrodiáspórico. Aqui, a expressão da voz feminina se mostra independente e insubordinada a um sistema literário pautado por valores ocidentais.

Coloca em diálogo questões socioculturais em conformidade com o universo afrocentrado, no âmbito da ancestralidade negra e da ótica do gênero na literatura, mas, antes de qualquer coisa, sob a ótica da mulher. O ato de escrita promovido por mulheres do gabarito de Conceição Evaristo, ou de outras autoras menos divulgadas, auxilia no processo de construção identitária do indivíduo, especialmente daquele sujeito que, influenciado pela multiplicidade de culturas no Brasil, não se encontra como sujeito culturalmente híbrido.

Com base no jogo entre diferentes personas e culturas, próprio das sociedades híbridas, o teórico culturalista Stuart Hall (2003) postula que a identidade é um lugar simbólico, onde o sujeito assume uma posição única dentro de um contexto de vivências e costumes, baseada nos mitos fundadores de cada sociedade. O autor assegura que assumir uma “identidade cultural” significa entrar “em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando passado, presente e futuro numa única linha. A esse cordão dá-se o nome de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens” (HALL, 2003, p. 29).

Outro aspecto relevante é o da insurgência autoral. Ao inserir-se no mercado editorial como escritora, Evaristo transgride e desafia a indústria cultural e a instituição do cânone literário, que ainda em tempos atuais configura-se como eminentemente branco, masculino e classista. O caráter, muitas vezes, autobiográfico de sua prosa de ficção, faz da autora uma insurgente contra o sistema literário aceito hegemonicamente, como pontua Amanda Crispim Ferreira (2013, p. 29):

A escrita de si, para as mulheres negras, é um ato insubordinado, corajoso. É um movimento de encontros, reconhecimentos, superações. É um processo de escolhas, pois há uma responsabilidade com aquele a quem se representa e com aquele para quem se escreve. Neste texto, na história que se escolhe expor, na experiência que se decide publicar, outras mulheres devem se encontrar, se identificar, e há outros que devem se incomodar.

Como bem lembra González (2020), historicamente, a mulher negra, arrancada abruptamente do solo africano e do convívio com os seus familiares, era transformada em mercadoria na América colonial, assim como os demais negros. Ao chegar ao Brasil, aquelas que sobreviviam aos horrores da diáspora nos navios negreiros, viviam para servir à Casa-Grande e os seus senhores, fosse pelo viés doméstico, rural ou sexual, trabalhando até o fim dos seus dias. “[...] a escrava de oito trabalhava nas plantações, e a mucama, na casa-grande. Tanto uma como outra nada mais foram do que as avós da trabalhadora rural e da doméstica de hoje.” (GONZÁLEZ, 2020, p. 183).

Pelo poder da voz, a tradição negra resiste. A intrínseca relação entre a tradição oral e o matriarcado afrodiaspórico é matéria evidente não apenas em “Fios de ouro”, mas também nos demais contos de *Histórias de leves enganos e parecenças*, uma vez que, as narrativas ali encontradas, oriundas da tradição oral e ficcionalizadas pela via da escrita, circulou pela boca de muitos negros e negras Brasil afora no limiar dos tempos.

Sobre o tema, Câmara Cascudo adverte, em “Literatura Oral no Brasil” (1984), que a literatura nacional foi, em algumas produções, especialmente de fundo oral, permeada pelas memórias de descendentes de escravos. Muitas histórias povoam o imaginário popular, passadas de boca ao ouvido por benzedeiras, amas de leites, mães de santo escritoras. Nesse espectro, figuram as narrativas escritas, por exemplo, por Mãe Beata de Yemonjá, com suas histórias de santo em “Caroço de Dendê” (2008) ou, ainda, pela escrita de professoras, como Gizelda Melo do Nascimento, na obra “Feitio de Viver: memórias de descendentes de escravos” (2006) e tantas outras, mulheres fortes que, pela contação de histórias e pela ficção repercutem e perpetuam a memória matrilinear.

Remontada por vozes secundárias ao discurso oficial, a voz do narrador encontra-se, no tempo do ato discursivo, com ensinamentos transmitidos por seus ancestrais e que foram se sedimentando no inconsciente coletivo ao longo dos séculos. Reforçando a noção de enraizamento e pertencimento a determinado grupo, o professor Eduardo de Assis Duarte salienta que há “discursos que elevam os vínculos étnicos e culturais com a matriz africana. Revelam a herança cultural” (DUARTE, 2011, p. 33) e o modo de vida dos afro-brasileiros.

Nessa perspectiva, a narração em primeira pessoa, feita por Evaristo, oferece ao leitor algumas perspectivas dessa relação de gênero herdada pela poética oral das senzalas. Não à toa, a persona da avó carrega um peso semântico e cultural de primeira grandeza para as culturas afrocêntricas. A ancestralidade representada pelas avós, bisavós e tetravós ratificam ensinamentos milenares passados na cultura da boca ao ouvido.

## Considerações finais

À guisa de conclusão, o estudo aqui apresentado evidencia o poder de signos afrodescendentes, como a oralidade e a matrilinearidade, mantidos pela estética literária de Conceição Evaristo. Pela via da escrita, fica patente que a oralidade residual da tradição negra e o papel da mulher na sociedade fundamentam sua construção discursiva. São, pois, nesses pilares que se assentam o pensamento afro-identificado da autora.

Nesse sentido, a narrativa “Fios de ouro” acima analisada conjuga poder e cultura ao instrumentalizar os mecanismos discursivos que promovem o reconhecimento e a valorização da tradição oral afro-feminina. No mais, ao longo das histórias escritas por Conceição Evaristo, o leitor encontrará outras passagens cujo mote narrativo dará

ênfase à mesma temática, corroborando a ideia central do título do livro, que remete às histórias triviais do cotidiano.

Para além disso, o fato de ser uma obra rubricada por uma mulher legitima a noção aqui defendida sobre sociedades ancoradas no matriarcado de comunidades autóctones, ao imprimir ao foco narrativo um relevante contorno sob a ótica do gênero. Por intermédio de sua voz, Evaristo acolhe sua ancestralidade e sinaliza para a importância de preservar o universo feminino enquanto instituição sacralizada em algumas sociedades. Assim, tais costumes representativos de casas, comunidades, terreiros e quilombos Brasil adentro extrapolam o discurso oral e real para ser imortalizado pela prosa poética impressa.

Conceição Evaristo traz a lume instâncias narrativas que legitimam sua escrita como uma literatura afro-brasileira, pois escreve de um ponto de vista afro-identificado, isto é, por meio da linguagem, da temática e da discussão de estereótipos fundados no ser e no existir enquanto negra, que visa formar um público receptor afrodescendente, como postulado por Duarte (2012).

Dessa maneira, ao compilar mitos, lendas e crenças de seus ascendentes, Evaristo ratifica a necessidade do fazer literário para além das bordas do cânone. Pelas lentes de Duarte (2012), a autora sanciona, com seu fazer literário, o ponto de vista afro-identificado, ou seja, um saber que conjuga o ser e o existir do negro com a linguagem, a temática e o público receptor afrodescendente, transformando-os em instâncias narrativas de capital influencia na busca pelo reconhecimento coletivo. Literatura costurada pelo periférico, fruto de reapropriações identitárias e do reconhecimento étnico do povo africano no Brasil, especialmente quando se trata da representatividade e do lugar da mulher negra na pirâmide social.

## Referências bibliográficas

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

DE SANTANA, Arnaldo; PERREAULT, Michel. Os Homens Negros e o Elo com Crianças e Jovens: da sociedade escravista até uma discriminação cor-raça profunda. *Annais da XVII Semana de Mobilização Científica - SEMOC da UCSal: Universidade e Cidade: diálogos contemporâneos*, 2014.

DIOP, Cheikh Anta. *A origem da civilização africana: mito ou realidade?* Trad. Mercer Cook. Westport: Lawrence Hill, 1974.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, v.1, 2011.

\_\_\_\_\_. Herança Maldita. [Entrevista concedida a] Tony Oliveira. *Carta Capital*. 9 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/heranca-maldita>>. Acesso em: 2 Jul. 2021.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2º sem. 2009, p. 17-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 2 Ago. 2021.

\_\_\_\_\_, Conceição. *Histórias de Leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrevivências*, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *A matriz africana no mundo*. Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira 1. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PARADISO, Sílvio Ruiz. Religiosidade na literatura africana: a estética do realismo animista. *Estação Literária*, Londrina, v. 13, jan. 2015, p. 268-281. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL13-Art18.pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2021.

YEMONJÁ, Mãe Beata de. *Histórias que a minha avó contava*. São Paulo: Terceira Margem/CESA – Sociedade Científica de Estudos da Arte, 2004.

\_\_\_\_\_. *Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. Amalio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Recebido em 16/06/2022.

Aceito em 31/05/2023.